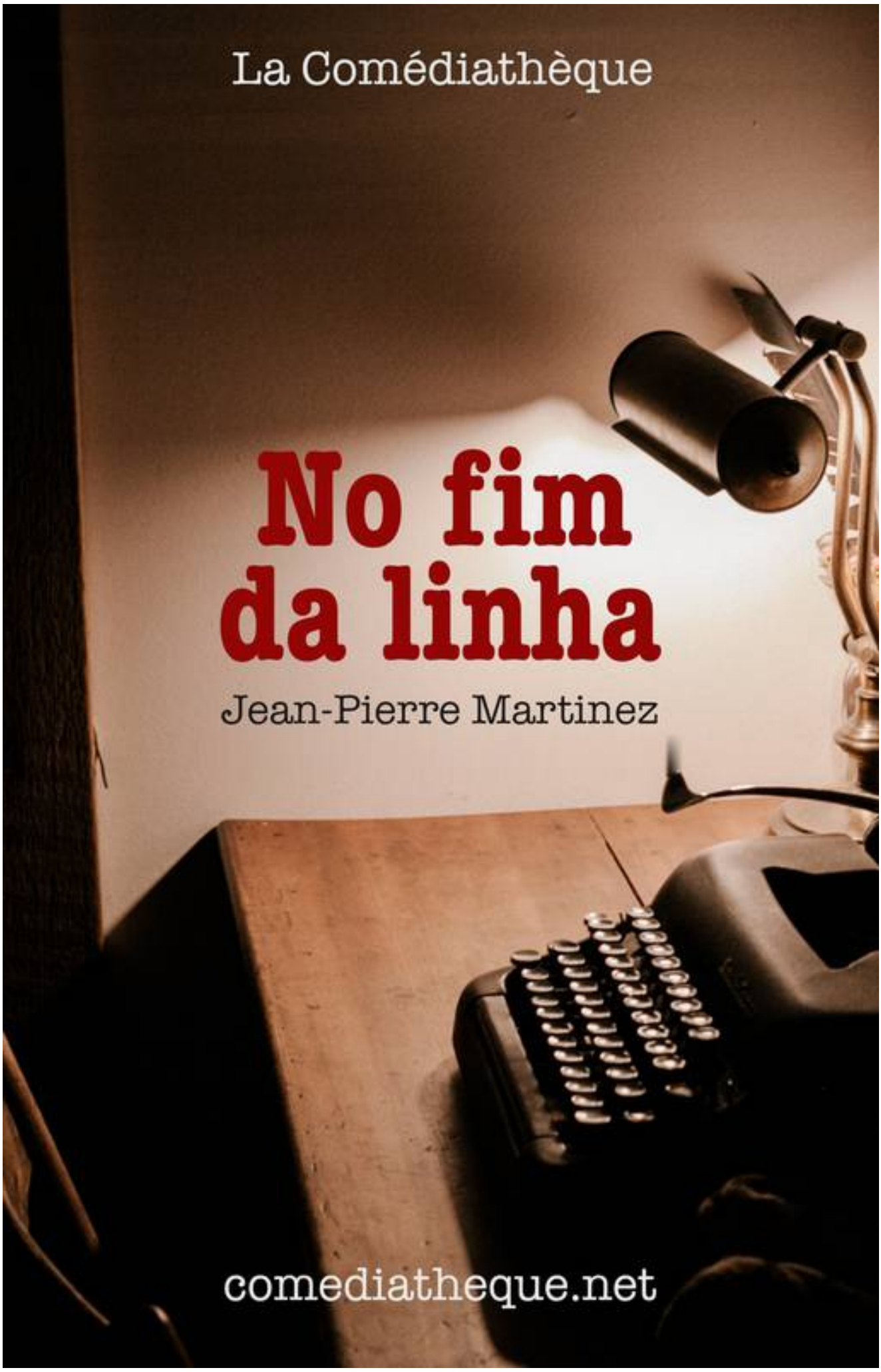

La Comédiathèque
No fim da linha
Jean-Pierre Martinez
comediatheque.net

Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente. Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização: https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/

No fim da linha

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Um dramaturgo no fim da linha recebe uma jornalista para uma entrevista que pode relançar a sua carreira. Mas, no teatro, as aparências por vezes enganam...

Personagens
Autor
Visitante

Ambas as personagens podem ser interpretadas por homens ou mulheres. Distribuições possíveis: 2 homens, 1 homem e 1 mulher, 2 mulheres. Os nomes e as concordâncias adaptam-se à distribuição escolhida.

© La Comédiathèque

Uma sala desarrumada. Uma luz irreal. Música inquietante. Duas personagens (interpretadas pelos atores que vão representar a peça a seguir) parecem estar à espera, uma de cada lado de uma mala.

Um – Acha que eles vêm?

Dois – Quem?

Um – As pessoas!

Dois – As pessoas? Quer dizer, o público...

Um – Os espectadores, pronto!

Dois – Ah, sim, os espectadores...

Um – Não podemos representar se não houver espectadores.

Dois – Pois não... Aliás, é precisamente por isso que não estamos a representar.

Um – Portanto, estamos de acordo: não representamos?

Dois – Está a representar, por acaso?

Um – Não...

Dois – Pronto. Era o que eu dizia. Não vamos representar se não está cá ninguém.

Um – Está bem... Mas então o que fazemos aqui?

Dois – E quem somos nós?

Um – Ninguém...

Dois – Somos duas personagens à procura de espectadores.

Uma pausa.

Um – E porque é que não haviam de vir?

Dois – Sabe como são os espectadores... Arranjam sempre uma boa desculpa para não ir ao teatro.

Um – Tem razão. Para isso nunca lhes falta imaginação.

Dois – Há greve nos transportes...

Um – Calhou mesmo a meio de um fim de semana prolongado...

Dois – Há um jogo na televisão...

Um – Houve um atentado...

Dois – Pode haver um atentado...

Um – Está um dia lindo, mais vale ir passear...

Dois – Está um tempo horrível, mais vale ficar em casa...

Um – A crítica não recomenda a peça, não vou.

Dois – A crítica recomenda a peça, deve ser uma seca.

Um – É muito caro, prefiro ir ao cinema.

Dois – É quase de graça, deve ser péssimo.

Um – Gostava muito de ir, mas tenho um casamento.

Dois – Um funeral.

Um – Um batizado.

Dois – Uma primeira comunhão.

Um – A religião sempre fez muito mal ao teatro.

Dois – Para arranjarem um álibi, nunca lhes faltam ideias.

Um – Porque, para o resto...

Uma pausa.

Dois – E nós nem pedimos assim tanto.

Um – Não pretendemos encher um pavilhão desportivo.

Dois – Mas uma sala pequena como esta...

Um – Nem que fosse meia sala.

A segunda personagem parece aperceber-se da presença do público.

Dois – E aqueles, quem são?

Um – Onde?

Dois – Ali, no escuro.

Um – Não vejo nada.

Dois – Lá ao fundo.

Um – Ah, tem razão... Nem os vi entrar...

Dois – Eu também não...

Um – Perdemos completamente o hábito.

Dois – Está a ver? Afinal vieram!

Um – Não são muitos, mas vieram.

Dois – Enfrentaram as greves, o mau tempo, as críticas...

Um – Deviam receber uma medalha.

Dois – É verdade. São uns heróis.

Um – Pois... Se soubéssemos...

Uma pausa.

Dois – E agora, o que fazemos?

Um – Como assim, o que fazemos?

Dois – Agora que os espectadores estão cá! Temos de fazer qualquer coisa.

Um – É que eu não preparei nada. E você?

Dois – Eu também não.

Um – Não estávamos à espera.

Dois – Foi tudo tão repentino...

Um – Já nem acreditávamos...

Dois – Depois de tanto tempo...

Um – Também é culpa deles...

Dois – Podiam ter-nos avisado.

Um – Uma pessoa não aparece assim no teatro, de surpresa.

Dois – Não se faz.

Uma pausa.

Um – Talvez alguns tenham reservado.

Dois – Acha?

Um – É possível.

Dois – Pois, mas a nós não nos dizem nada!

Um – Se não tivermos nada para lhes mostrar, vão ficar desiludidos.

Dois – E ficam com outra desculpa para não voltar da próxima vez.

Um – Podíamos... sei lá...

Dois – Podíamos cantar-lhes alguma coisa.

Um – Sabe cantar?

Dois – Sei... Mas não conheço nenhuma canção. E você?

Um – Conheço, sim.

Dois – Então força.

Um – Conheço canções... mas não sei cantar.

Uma pausa.

Dois – Começo a perguntar-me se fizemos bem em vir...

Um – Tem razão... Também nós devíamos ter arranjado uma desculpa para não vir.

Dois – Entretanto, o melhor é fazermos as malas e pôrmo-nos a andar.

A outra personagem olha à sua volta e repara na mala.

Um – Já temos mala. Falta é fazermo-nos à vida.

Começam a sair de mansinho; uma das personagens leva a mala.

Escuro.

A mesma sala desarrumada. Um homem (ou uma mulher) dormita num cadeirão. O telefone toca e arranca-o do torpor. Atende como um sonâmbulo.

Autor *(pouco amável)* – Estou! *(Sem dar tempo à resposta.)* Vai dizer-me que a entrevista foi cancelada, não é? *(Recuperando alguma lucidez.)* Do banco? *(Abrandando o tom.)* Ah, desculpe, é que estou à espera de um jornalista para me entrevistar e... Sim, eu sei, tenho um pequeno descoberto... Um grande? Digamos um médio, então... Também não vamos discutir por causa de palavras... Não se preocupe, estava justamente a preparar-me para sair e depositar um cheque que acabei de receber... Um adiantamento pela minha próxima peça, sim... Costuma ir ao teatro? Claro, isso não vem ao caso... Olhe, a ligação está péssima... Ah, parece-me que tocaram à campainha, deve ser o jornalista... Sim, depois telefono-lhe... Agora já não o ouço absolutamente nada... Vou mesmo ter de desligar...

O autor desliga e suspira. Sai lentamente do torpor e levanta-se. Tanto o aspeto como a roupa estão bastante desalinhados.

Autor *(para o público)* – Ser ou não ser...? Shakespeare tinha razão, essa é que é a questão. Pelo menos é o que me pergunto todas as manhãs ao olhar para o espelho. *(Dirigindo-se eventualmente a alguém jovem na plateia.)* Quando somos jovens e bonitos, evidentemente, não há dúvidas quanto à resposta. Mas a partir de certa idade... Ser ou já NÃO ser...? Acreditem, essa é a verdadeira questão. E, infelizmente, a resposta que se impõe é muitas vezes... não se pode ser e ter sido. E isto já não é Shakespeare... É a triste realidade, vão ver. Depois, podemos sempre consolar-nos com aquele «penso, logo existo». Pois, pois... Não sei se isso consola muito os velhos que já não conseguem fazer mais nada senão pensar. E pensar em quê? No meu passado nada simples? No meu presente muito imperfeito? No meu futuro francamente condicional? Continuar ou deixar de ser autor de teatro? Para mim, essa é a questão... Um conselho: nunca se tornem dramaturgos. Eu só me meti nisto porque não sabia fazer absolutamente mais nada. Mas se tiverem a mais pequena aptidão, façam-se professores primários ou prostitutas. Enfim... Arranjem uma profissão que possam exercer a tempo inteiro durante toda a vida. Sabem como chamam aos atores? Trabalhadores intermitentes. Quer dizer que, profissionalmente, só existem por intermitência. Com os dramaturgos passa-se o mesmo. Um ator que não representa já não é bem ator. E um autor que não escreve já não é autor. Devia ser nisso que o grande Shakespeare pensava quando escreveu «ser ou não ser». Deve ter ficado sem inspiração, como eu agora. Bem, quando digo agora... Isto já dura há bastantes anos. *(Uma pausa.)* É curioso, tive um sonho esquisito. Estava em palco com outro ator. A sala estava vazia. Perguntávamo-nos se viria alguém. E, de repente, percebíamos que a sala estava cheia. O drama era que... não tínhamos nada para

representar. Provavelmente porque o autor não tinha encontrado uma ideia para escrever a peça. Para um autor, o horror à página em branco é como para um ator o medo de uma branca em palco. É dramático...

Ouve-se uma campainha. O autor hesita um instante. Olha-se ao espelho, endireita um pouco a roupa e penteia-se. A campainha volta a tocar.

Autor – Sim, sim, já vou...

Decide finalmente abrir a porta e regressa pouco depois, seguido de uma mulher (ou de um homem) mais jovem, vestida de forma moderna e com muito melhor aspeto.

Visitante – Agradeço-lhe ter-me recebido, senhor Entremontes.

Autor – Entrelinhas.

A visitante olha, surpreendida, para a desordem da sala.

Visitante – Desculpe?

Autor – Não é Entremontes. É Entrelinhas. Carlos Entrelinhas. É o meu nome. Julgava que pelo menos isso sabia...

Visitante – Claro, peço desculpa. Imagino que seja um pseudónimo.

Autor – Não. Porquê?

Visitante – Não sei... Entrelinhas, para um escritor... Nesse caso, se me permite, é um nome predestinado.

Autor – Quando escolher um pseudónimo, vou chamar-me Além-Túmulo. Ao menos tenho a certeza de que as minhas Memórias vão vender bem.

Visitante – Ah, sim... *(Olha para o autor com certa inquietação.)* Espero não o ter acordado...

Autor – Acordado? De maneira nenhuma! O que é que a leva a pensar que me podia ter acordado?

Visitante – Bem, não sei, eu...

Autor – Aliás, que horas são?

Visitante – Desculpe, não tenho relógio.

Autor – Deve ser por isso que chegou atrasada.

Visitante – Atrasada? Mas... nem sequer sabe que horas são...

Autor – Nota-se que é jornalista... Tem resposta para tudo. Bom, fazemos esta entrevista ou não? Tenho mais que fazer!

Visitante *(entre dentes)* – Se o diz...

Autor – Desculpe?

Visitante – Não, dizia... Sim, vamos a isso! Foi para isso que viemos, não foi?

Autor – Aliás, teve sorte. Nunca dou entrevistas.

Visitante – Pedem-lhe muitas?

Autor – Agora menos, é verdade. Mas... quando me pediam, também dizia que não.

Visitante – Está bem...

Autor – É daquelas pessoas que acham que a virtude das mulheres é inversamente proporcional ao seu sex appeal, não é?

Visitante – De maneira nenhuma... Quer dizer, talvez, mas... Não era isso que eu queria insinuar...

Autor – Então o que queria insinuar?

Visitante – Nada, absolutamente nada...

Autor – Queria, sim! Disse «não era isso que queria insinuar». Logo, queria insinuar alguma coisa!

Visitante – Exprimi-me mal, mais nada.

Autor – Uma jornalista que se exprime mal... Isto promete...

Visitante – Peço desculpa.

Autor – Então porque é que me fez essa pergunta?

Visitante – Que pergunta?

Autor – Perguntou-me se ainda me pediam muitas entrevistas.

Visitante – Não sei... Estou aqui para fazer perguntas... É esse o princípio de uma entrevista, não é?

Autor – Perguntas a sério, sim... Não perguntas idiotas.

Visitante – Quer dizer perguntas de jornalista, suponho.

Autor – Detesto jornalistas...

Visitante – Geralmente, as pessoas conhecidas detestam os jornalistas...

Autor – Sim, vá-se lá saber porquê...

Visitante – No entanto, é graças aos jornais que os desconhecidos saem um dia do anonimato...

Autor – É um ponto de vista.

Visitante – Um ponto de vista de jornalista.

Autor – E também são as pessoas conhecidas que fazem vender jornais.

Visitante – Sem dúvida. Os jornais também servem para falar das pessoas conhecidas... Para que não se esqueçam delas...

Autor – Veio cá falar da sociedade do espetáculo ou fazer-me perguntas sobre a minha obra?

Visitante – Já lá vou, não se preocupe. *(Olhando à sua volta.)* Posso sentar-me?

Autor – Faça favor...

Visitante – Obrigada...

Senta-se. Silêncio constrangedor. O autor recompõe-se um pouco.

Autor – Desculpe, acho que começámos com o pé esquerdo.

Visitante – Não faz mal, garanto-lhe...

Autor – É verdade que perdi o hábito de estar com pessoas. Tornei-me um bocado bicho-do-mato, acho eu...

Visitante – Não tem de se desculpar. Afinal, fui eu que apareci assim, em sua casa...

Autor – Quer alguma coisa?

Visitante – Sim... Gostava de lhe fazer umas perguntas.

Autor – Queria dizer alguma coisa para beber.

Visitante – Ah, desculpe... Pois... Não dizia que não a um café.

Autor – Já não tenho café. Quer dizer, café ainda tenho, o que não tenho é cafeteira. Avariou há... bastante tempo. Durante uns meses ainda fiz café aquecendo água num tacho e usando um lenço de papel como filtro. Mas, quando se acabaram os lenços, resolvi passar sem café.

Visitante – Não tem importância, não se incomode.

Autor – Posso fazer-lhe um chá, se quiser. De camomila? Aviso-a já de que não tenho açúcar.

Visitante – É tentador, mas... deixe estar.

Autor – Bom... Nesse caso, estou a ouvi-la...

Visitante – Muito bem. A minha primeira pergunta é... escreve à mão ou no computador?

O autor fica por instantes perplexo.

Autor – Desculpe, mas... não percebi muito bem. Para que jornal trabalha, exatamente?

Visitante – Bem... não é propriamente um jornal. Quero dizer, não é um jornal em papel, como o Jornal de Letras, por exemplo.

Autor – O Jornal de Letras?

Visitante – É mais... uma revista digital, como se diz hoje em dia.

Autor – Estou a ver, um sítio na Internet...

Visitante – Digamos uma revista online. Viver Teatro.

Autor – Viver Teatro?

Visitante – É o nome da revista. Não gosta?

Autor – Gosto, gosto... Parece um bocado uma revista para a terceira idade, mas enfim... De qualquer modo, já só os velhos vão ao teatro.

Visitante – Está bem...

Autor – Viver Teatro... Infelizmente, hoje em dia já pouca gente consegue viver do teatro, sabe?

Visitante – O objetivo da nossa publicação é precisamente dar visibilidade aos autores contemporâneos. Esta entrevista vai permitir aos leitores conhecê-lo melhor. Pelo menos enquanto dramaturgo...

Autor – Estou a perceber. Então a sua primeira pergunta é... se escrevo com caneta ou com computador?

Visitante – Exatamente.

Autor – Uma pergunta que deve tirar o sono aos vossos leitores, imagino.

Visitante – Então?

Autor – Então? Como deve calcular, tendo em conta a minha idade avançada, ao princípio escrevia com caneta. A imprensa acabava de ser inventada, portanto, computadores, nem vê-los.

Visitante – Claro.

Autor – Lembro-me... Era uma caneta de tinta permanente Montblanc que a minha madrinha me ofereceu pela primeira comunhão. Tinha um aparo folheado a ouro. Tinha-lhe muito carinho.

Visitante – Compreendo. Uma espécie de objeto transicional.

Autor – Isso mesmo... Um substituto da mãe, se preferir. Sabe, a escrita também é uma forma de psicanálise.

Visitante – Ah, sim...

Autor – É igualmente ineficaz, mas em vez de gastarmos dinheiro, em princípio, ainda podemos esperar ganhar algum.

Visitante – Percebo...

Autor – Eu sei... Ao ver-me neste estado, deve estar a pensar que a minha análise não resultou lá muito bem...

Visitante – Não, de maneira nenhuma...

Autor – Acha que tenho um ar perfeitamente realizado?

Visitante – Realizado talvez não fosse a primeira palavra que me ocorreria, mas... E depois?

Autor – Depois a caneta avariou.

Visitante – Como a cafeteira.

Autor – Exatamente. Então, com os direitos de autor que recebi pela minha primeira peça, comprei uma máquina de escrever, como as dos filmes antigos a preto e branco. Viu o Crepúsculo dos Deuses?

Visitante – Talvez, sim... Há muito tempo, creio...

Autor – Infelizmente, não encontrei uma estrela decadente disposta a sustentar-me em troca de um argumento.

Visitante – Seja como for, é muito romanesco... Ainda tem essa máquina?

Autor – Também acabou por avariar.

Visitante – Que azar...

Autor – Comprei então uma das primeiras máquinas de escrever elétricas... Era revolucionária, nessa época. Tinha um pequeno ecrã, como um computador, mas só com duas ou três linhas. Mesmo assim, já podíamos corrigir algumas coisas antes de imprimir a versão definitiva. Poupava-se bastante tinta e papel. Usei-a durante uns anos e depois...

Visitante – A máquina elétrica avariou e comprou um Mac.

Autor – Não. Depois fui eu que avariei... e comprei um negro.

Visitante – Um negro? Quer dizer...

Autor – Não sabe o que é um negro?

Visitante – Sei, mas... Hoje em dia diz-se antes... uma pessoa de cor, não é?

O autor olha para ela, horrorizado.

Autor – Um negro literário! Não conhece essa expressão?

Visitante – Não...

Autor *(suspirando)* – Suponho que hoje em dia também já não se possa dizer isso.

Visitante – Dizer o quê?

Autor – Quando um escritor perde a inspiração, paga a um negro para lhe escrever os livros. É assim que se chama. Ou pelo menos era assim que se dizia no meu tempo.

Visitante – Ah, estou a ver... Estava a achar estranho... Um negro...

Autor – Enfim... Era ele que usava o computador. Ao princípio ainda lhe ditava algumas coisas, claro. Mas depressa começou a escrever sozinho.

Visitante – O computador?

Autor – O negro!

Visitante – Ah, pois...

Autor – Era muito talentoso, sabe?

Visitante – Estou a ver.

Autor – Conhece aquela frase de Buffon: «O estilo é o homem»?

Visitante – Sim, mais ou menos...

Autor – Pois aquele negro tinha exatamente o meu estilo.

Visitante – Ah, sim.

Autor – Era sueco.

Visitante – Quem?

Autor – O meu negro!

Visitante – Ah, desculpe...

Autor – Faz-me uma pergunta e... tenho a impressão de que não lhe interessa nada o que estou a contar.

Visitante – Interessa, sim! Muito, mas... E ainda tem esse negro?

Autor – Infelizmente não. É por isso que não escrevo há anos...

Visitante – Talvez tenha regressado à Suécia.

Autor – Não... Morreu, simplesmente.

Visitante – Ah, merda... Quero dizer... É uma história muito triste.

Autor – É... Gostava muito dele. Mas que quer? Começava a julgar-se um verdadeiro autor. Tive de me livrar dele.

Visitante – Livrar-se dele?

Autor – Um bocadinho de arsénico todos os dias no chá de camomila. Morreu como Madame Bovary.

Visitante – Ah, sim...

Autor – Flaubert dizia: «Madame Bovary sou eu». Pois é, uma parte de mim também morreu com o António.

Visitante – António?

Autor – O meu negro sueco! Depois de ele desaparecer, nunca mais encontrei o meu estilo.

Visitante – Foi nessa altura que deixou de escrever.

Autor – Sim... Fiquei bloqueado na minha peça número 124.

Visitante – Lamento muito saber isso.

Autor – Passei por uma fase difícil, é verdade. Para recuperar a inspiração dos primeiros tempos, comprei outra Montblanc com os últimos euros que tinha.

Visitante – Mas não chegou...

Autor – Estava à beira do suicídio... E já nem tinha dinheiro para comprar cartuchos.

Visitante – Para o revólver...

Autor – Para a caneta!

Visitante – Desculpe...

Autor – Restava-me uma seringa velha dos tempos em que era dependente de heroína. Todas as manhãs tirava um pouco de sangue e enchia a caneta com ele. Tinham-me encomendado uma comédia. Mas a tinta vermelha, sabe... só me trazia pensamentos negros... *(Perante o espanto da jornalista.)* Não está a tomar notas?

Visitante – Estou, estou, tenho tudo o que é preciso... *(Tira um pequeno gravador.)* Embora não saiba se devo gravar isto...

Autor – Então acreditou mesmo em todas as barbaridades que acabei de lhe contar?

A visitante percebe que o autor esteve a gozar com ela.

Visitante – Era uma brincadeira, claro. Muito engraçada, aliás... Um negro sueco... Não sabia que também escrevia comédias.

Autor – Deve ser por isso que me enviaram uma comediante para me entrevistar... Continua a não querer camomila?

Visitante – Com ou sem arsénico?

A visitante esboça uma gargalhada forçada.

Autor *(muito sério)* – Mais alguma pergunta?

Visitante – Sim, eu... Gostei muito da sua primeira peça. Escreveu mais alguma?

Autor – Desculpe?

Visitante – Quero dizer... escrita pela sua própria mão, não pela do seu negro sueco. *(Ri-se outra vez da própria piada.)* Estou a brincar...

Mas o autor continua sem se rir.

Autor – Escrevi 123 peças.

Visitante – Cento e vinte e três! Bastantes... E... de que tratam?

Autor *(escandalizado)* – De que tratam? Vem entrevistar-me sobre o meu teatro e não leu as minhas peças?

Visitante – Não li as 123, claro, mas...

Autor – Quantas leu exatamente?

Visitante – Diria que... uma... Precisamente a primeira... Quer dizer, as primeiras páginas. Só me avisaram desta entrevista à última hora... Estou a substituir um colega da Viver Teatro que se suicidou ontem.

Autor – Quantas páginas?

Visitante – Para ser sincera... não passei da quinta página.

Autor – O texto da peça começa na página seis...

Visitante – Mas gostei muito do título...

Autor – Ah, sim? *(Irónico.)* E qual era mesmo o título da minha primeira peça? De repente, deu-me uma branca.

Visitante – A mim também não me ocorre, mas lembro-me de ter adorado.

Autor – Posso ver a sua carteira profissional de jornalista?

Visitante – Hum... Claro... *(Finge procurar nos bolsos.)* Quer dizer... Estou a pensar se...

Autor – Não é jornalista...

A outra hesita um instante antes de responder.

Visitante – Não.

Autor – Estou a ver. Veio cá roubar-me, é isso? Dizem que é muito frequente. O ladrão faz-se passar por funcionário do gás, por exemplo, e aproveita para levar as poupanças escondidas debaixo do colchão. Acho que se chama furto por astúcia.

Visitante – Por astúcia?

Autor – Tem razão, não bate certo... Não me parece suficientemente esperta para um furto por astúcia. E também não teria escolhido fazer-se passar por jornalista literária.

Visitante – De facto, eu...

Autor – Sei lá... Teria sido mais convincente como estafeta de pizzas.

Visitante – É verdade...

Autor – E, se veio cá à procura de dinheiro... Podemos procurar os dois, se quiser.

Visitante – Sou atriz.

Autor – Se veio à procura de um papel, é ainda mais estúpida do que eu pensava. E olhe que já tinha posto a fasquia bem alta.

Visitante – É a primeira vez que faço de jornalista. E tive muito pouco tempo para preparar o papel.

Autor – Também não devemos excluir a hipótese de ser uma atriz medíocre. Mas adiante... Quem encenou esta má comédia?

Visitante – O seu agente.

Autor – O meu agente? Nem sabia que ainda tinha um...

Visitante – Achou que uma entrevista seria uma boa maneira de lhe levantar o ego e de o pôr outra vez a trabalhar.

Autor – Afinal, é ainda mais estúpido do que eu pensava.

Visitante – A verdade é que deixou de escrever... Ele está há quase um ano à espera do seu último manuscrito.

Autor – Que quer? Perdi a inspiração, como se costuma dizer. A falta de inspiração para um autor é como uma branca para um ator. Nunca sabemos quando vai acontecer, nem como vamos conseguir sair dela.

Visitante – Um ano... É um bocado longo para uma branca...

Autor – Não leu a primeira das minhas 123 comédias e vem suplicar-me que escreva a 124.ª?

Visitante – Pessoalmente, estou-me nas tintas. Mas o seu agente parece fazer questão. Ao ponto de me pagar cem euros por esta pequena comédia inocente.

Autor – Cem euros? Não imaginava que o meu agente ainda me tivesse em tão alta conta.

Uma pausa.

Visitante – Bom, então o que fazemos?

Autor – Como assim, o que fazemos?

Visitante – Não sou jornalista. Agora que sabe, suponho que não vai querer continuar a entrevista.

Autor – Porquê? Tinha mais perguntas fascinantes sobre a minha obra teatral? Sei lá... Uso cuecas ou boxers? Prefiro o mar ou a montanha? Croissants ou tostas? Gosto de homens ou de mulheres?

Visitante – Bom, já percebi que não está disposto a colaborar. E o que é que lhe vou contar?

Autor – A quem?

Visitante – Ao Jorge, o seu agente!

Autor – Isso é um problema seu. Conte-lhe o que quiser.

Visitante – É que... Devia pagar-me mais cem euros depois da entrevista.

Autor – Estou a ver... Metade na encomenda, outra metade na entrega do trabalho. Deve ter uma confiança ilimitada em si...

Visitante *(mostrando o gravador)* – Tinha de lhe levar a gravação.

Autor – Não me diga que quer mesmo fazer essa entrevista?

Visitante – Podíamos dividir.

Autor – Dividir? Dividir o quê?

Visitante – Cem euros para cada pessoa.

Autor – Você não bate bem da cabeça...

Visitante – Tenho fome, mais nada. E pelo que me disse o seu agente, também não anda a tomar banho em dinheiro. Já não escreve e ninguém encena as suas peças.

Autor – Obrigado pela delicadeza de me lembrar disso.

A visitante lança um olhar depreciativo à decoração miserável.

Visitante – Sei lá... Com esse dinheiro, ao menos podia dar uma pintura a isto.

Autor – Com cem euros? Se conhece algum pintor que trabalhe por esse preço, mesmo sem fatura, dê-me o contacto.

Visitante – Com cem euros ainda compra umas latas de tinta e um rolo.

Autor – E é você que pega no rolo?

Visitante – Porque não? Mas não de graça, claro...

Autor – Eu é que estou no fim da linha, percebe? Para escrever uma comédia não é obrigatório ser otimista, mas há limites. Temos de continuar a acreditar que gozar com os idiotas ainda pode levar alguns a melhorar.

Visitante – Tem a certeza de que não gosta um bocadinho demais de se ouvir falar?

Autor – Acha?

Visitante – Enfim... Escrever peças de teatro não é morrer, pois não? Há profissões bem piores.

Autor – Sim, certamente...

Visitante – Certamente? Sabe que há pessoas que têm de se levantar todas as manhãs, passar uma hora no metro e ir trabalhar para a caixa de um supermercado, tudo para ganhar o salário mínimo?

Autor – Foi para fugir a esse calvário que resolveu fazer teatro ao domicílio?

Visitante – Aceito o trabalho que me dão... E o meu agente ainda não me arranjou grandes papéis.

Autor – Deve ser tão incompetente como o meu. Quem é?

Visitante – É o mesmo que o seu...

Autor – Está bem... *(Uma pausa.)* Talvez tenha razão, afinal. Com esse QI de amêijoa, está muito melhor preparada do que eu para sobreviver ao mundo em que vivemos.

Visitante – Obrigada...

Autor – «Penso, logo existo.» Que cretino, esse Descartes! O tanas! Para continuar a existir neste mundo de merda, o primeiro passo é parar de pensar.

Visitante – Pois...

Autor – Só que deixar de pensar é como deixar de fumar. É muito mais fácil para quem nunca começou.

Visitante – Se está a falar de mim, eu não fumo...

Autor – Estou aqui a matutar... Tenho um trabalhinho para lhe propor.

Visitante – Ah, sim? Se for capaz de o fazer...

Autor – É verdade que, pensando bem, isso reduz bastante as possibilidades.

Visitante – Então?

Autor – Que diria de ser o meu negro literário?

Visitante – Desculpe?

Autor – Por uma razão que me escapa, o meu agente quer a todo o custo que eu escreva uma peça nova. Podia escrevê-la por mim.

Visitante – Mas eu não sou dramaturga.

Autor – Cá entre nós, também não é propriamente atriz.

Visitante – Bem... Depende... E paga-se bem, esse trabalho de negro literário?

Autor – Tudo depende da fama do autor que assinar por si.

Visitante – Isso não é muito animador... Já não era assim tão conhecido... e, segundo o seu agente, agora toda a gente se esqueceu de si.

Autor – E pensar que ele lhe pagou para me levantar o ânimo...

Visitante – Só estou a tentar ser realista.

Autor – Bom, está interessada ou não?

A campainha da entrada volta a tocar.

Visitante – Se está à espera de alguém, talvez seja melhor ir-me embora.

Autor – Não estou à espera de ninguém.

Vai abrir a porta. A visitante começa a guardar o gravador e a vestir o impermeável para sair. O autor regressa com um envelope aberto e uma folha na mão.

Autor – Era um estafeta.

Visitante – Vou deixá-lo...

Autor *(com autoridade)* – Fique aí! E não se mexa!

Surpreendida, a outra volta a sentar-se sem protestar. O autor examina a folha, perplexo.

Visitante – O que é? A conta do gás?

Autor – Do gás? Cortaram-mo há muito tempo. Caso contrário, nem sei se estaria aqui a falar consigo.

Visitante – Então?

Autor – Um contrato de exclusividade que o meu agente me mandou para a próxima peça.

Visitante – Um contrato?

Autor – Quer que o assine e lho devolva imediatamente. Isto está cada vez mais estranho. *(Tira um cheque do envelope.)* Até mandou um adiantamento...

Visitante – De quanto?

Autor – Quinhentos.

Visitante – Quinhentos euros! Desta vez não brincou consigo.

Autor – Não sei, estou na dúvida... Pergunto-me quem anda a brincar comigo desde que entrou por aquela porta...

Visitante – Seja como for, agora que recebeu o adiantamento, já não tem escolha. Vai ter de escrever a comédia.

Autor – Ainda posso devolver o cheque. Não assinei o contrato. Desconfio que esta falsa entrevista era para me convencer a fazê-lo.

Visitante – Então não vai assinar?

Autor – Não gosto de escrever sob pressão... Mas esta pilha de contas por pagar obriga-me a pensar um bocadinho. Se quero suicidar-me sem dor, ao menos preciso de voltar a ter gás.

Visitante – E os meus duzentos euros?

Autor – Não tínhamos combinado dividir?

Visitante – Agora que voltou a ser um autor a quem encomendam peças... Isso seria mesquinho.

Autor – Devagar. Ainda tenho de arranjar um assunto.

Visitante – Eu, por quinhentos euros, garanto-lhe que sou capaz de escrever uma coisa qualquer.

O autor olha para a visitante.

Autor – E por duzentos e cinquenta?

Visitante – Duzentos e cinquenta?

Autor – Metade de quinhentos! Afinal, também ainda não recusou a minha proposta.

Visitante – Que proposta?

Autor – A de ser o meu negro literário.

Visitante – Ah, não, estava a brincar. Eu disse que era capaz de escrever uma coisa qualquer. Não uma peça de teatro, muito menos uma obra-prima.

Autor – Uma coisa qualquer? Mas é exatamente isso que espero de si.

Visitante – Desculpe?

Autor – Eu, com toda a modéstia, só sei escrever obras-primas. Não consigo escrever uma coisa qualquer. É isso que me bloqueia, compreende? *(Uma pausa.)* Pela sua cara, desconfio que não...

Visitante – Quer dizer que...

Autor – Ora bem... O meu agente adianta-me dinheiro para escrever uma peça, mas eu perdi a inspiração para escrever uma peça a sério. Está a acompanhar?

Visitante – Até aqui, acho que sim.

Autor – Podia escrever uma coisa qualquer para ficar com o cheque, como fariam os meus colegas, mas eu não sei escrever uma coisa qualquer.

Visitante – E porquê?

Autor – Um resto de culpa judaico-cristã, suponho... E o meu agente sabe muito bem, aquele estafermo, que sou incapaz de escrever uma coisa qualquer.

Visitante – E então?

Autor – Então, escrever uma coisa qualquer, isso você sabe fazer!

Visitante – Acha?

Autor – Nisso, cá entre nós, confio inteiramente em si.

Visitante – Mas porque não contrata diretamente um negro literário que saiba escrever?

Autor – Se encontrasse um desses por duzentos e cinquenta euros, acha que já não o tinha feito?

Visitante – Está bem...

Autor – Está bem? Quer dizer que aceita?

Visitante – Não... «Está bem» quer dizer que compreendo...

Autor – E então?

Visitante – Quer dizer... Posso mesmo escrever uma coisa qualquer?

Autor – Acha que seria capaz de escrever outra coisa?

Visitante – Mas o seu agente... o nosso... vai perceber que é uma porcaria!

Autor – O meu agente? Foi ele que montou esta comédia ridícula para me obrigar a escrever outra que não quero escrever! Vai pagar na mesma moeda!

Visitante – Ou melhor, ele fica com a peça e o senhor com a moeda.

Autor – Está a ver? Quando quer até consegue ter graça! Então?

Visitante – Bom... Afinal, o que tenho a perder?

Autor – O ridículo.

Visitante – Isso não mata ninguém.

Autor – Se o ridículo matasse, garanto-lhe que já não estaria entre nós há muito tempo.

Visitante – Está bem... Quando começo? Espere, deixe-me ver... *(Folheia uma agenda.)* Esta semana não dá... Acho que consigo ficar livre... Digamos que na próxima segunda-feira?

O autor arranca-lhe a agenda das mãos e dá-lhe uma olhadela.

Autor – Há tantas páginas em branco na sua agenda que podia escrever a peça diretamente aí. Ah, desculpe, não tinha visto... Daqui a três meses tem uma consulta de oftalmologia.

Visitante – É muito difícil conseguir consulta no oftalmologista. *(O autor lança-lhe um olhar impaciente.)* Está bem... Então quando começamos?

Autor – Porque não agora, já que cá está?

O telefone fixo toca. O autor não reage.

Visitante – Não atende?

Autor – Deve ser outra vez o banco, por causa da minha conta a descoberto.

Visitante – Estou a ver... Devemos ter o mesmo banco.

Autor – O Banco Mutualista.

Visitante – Parece que a única coisa que lhes resta pôr em comum são os nossos descobertos.

Ouve-se uma voz a deixar uma mensagem.

Voz – Bom dia. Daqui fala Gonçalo de Castelarnaco, presidente da Fundação Avenida da Liberdade. É com muito prazer que lhe anuncio que a Fundação decidiu atribuir-lhe este ano o Grande Prémio da Avenida da Liberdade, pelo conjunto da sua obra. Peço-lhe que nos contacte quanto antes para acertarmos os pormenores da cerimónia.

Visitante – Acha que também é uma encenação do seu agente?

Autor *(perplexo)* – Não é impossível...

Visitante – O que mais podia ser?

Autor – Então nem por um segundo admite que eu possa realmente receber um prémio pelo conjunto da minha obra?

Visitante – Não sei... Como não li nada...

Autor – É pena não ser jornalista a sério. Podia ter sido a primeira a entrevistar o novo vencedor do Prémio Avenida da Liberdade.

Visitante – Desculpe, não conheço...

Autor – Não conhece? Mas o Prémio Avenida da Liberdade é para os autores de comédias o que o Pulitzer é para os jornalistas!

Visitante – Também não conheço...

Autor – É verdade que não é jornalista... Sei lá, é como um grande prémio de teatro para um ator.

Visitante – Quer dizer... Uma espécie de Prémio Nobel da Literatura?

Autor – Bem, também não exageremos.

Visitante – Era o que eu pensava...

Autor – Digamos que, com uma boa cinta na capa, isso ainda pode fazer subir as vendas da minha próxima peça.

Visitante – Mesmo que a peça seja má?

Autor – Mesmo sem ser muito culta, já deve ter percebido que os maiores êxitos de livraria raramente são obras-primas. E raramente são escritos pelos supostos autores. Muitos desses autores nem sequer leram os livros que assinaram.

Visitante – Só que, em geral, os que assinam esses best-sellers são uns idiotas e os que os escrevem são verdadeiros autores.

Autor – Pois, neste caso será ao contrário.

Visitante – Isso não é muito correto para com o seu agente.

Autor – Não percebeu. Esse aldrabão soube antes de mim que eu ia receber o prémio e manda-me um contrato para assinar à pressa, para ficar com os direitos exclusivos da minha próxima peça. E tudo isso por apenas quinhentos euros! Sabendo perfeitamente que, com essa publicidade, vou voltar a ser um autor de sucesso. Acha isso honesto?

Visitante – Confesso que, em matéria de honestidade... não sou especialista.

Autor – Sem falar nesta ridícula farsa da entrevista para me obrigar a voltar ao trabalho.

Visitante – Visto assim...

Autor – Então vai escrever a peça ou não?

Visitante *(depois de pensar um momento)* – Está bem... Mas também quero os duzentos euros da entrevista.

Autor – Tínhamos combinado dividir.

Visitante – Foi o senhor que disse: agora é um autor de sucesso.

Autor – Muito bem. Então vamos ao trabalho.

Visitante – Afinal até bebia uma camomila...

Autor – Francamente, não aconselho... Guardei-a mesmo ao lado do arsénico... Mas, se quer um truque de escritor, tenho uma coisa melhor. *(Tira uma garrafa de uísque.)* Cá está a poção mágica da inspiração. Infelizmente, caí dentro dela em criança e já não faz efeito...

Visitante – Bom...

Serve-se de um copo, bebe-o de um trago e faz uma careta.

Visitante *(olhando para o rótulo)* – Uísque sueco? Não está a tentar envenenar-me também, pois não?

Autor – Não antes de acabar de escrever a peça. *(Entrega-lhe uma caneta.)* Confio-lhe solenemente a minha Montblanc. Que a força esteja consigo. Tem papel em cima da mesa. Sente-se e escreva.

Visitante *(sentando-se)* – Mesmo que seja uma coisa qualquer, não sei se consigo escrever um livro inteiro...

Autor – É só uma peça de teatro! Com umas cinquenta páginas já engana.

Visitante – Cinquenta páginas?

Autor – Faça de conta que está a fazer um exame nacional e tem de escrever uma composição um bocado mais comprida do que as outras...

Visitante *(embaraçada)* – Exame nacional...?

Autor – Não acabou o secundário, devia ter imaginado.

Visitante – Podia ter acabado, mas perdi o comboio.

Autor – Então imagine que é uma carta muito comprida.

Visitante – Estou mais habituada a escrever SMS...

Autor – São diálogos! Muda de linha no fim de cada frase e deixa uma linha em branco a seguir. Metade de uma peça de teatro, sabe, é o que está entre as linhas. É tudo espaço em branco!

Visitante – Deve ser por isso que se chama Entrelinhas...

Autor – Exatamente! Vamos escrever esta peça a quatro mãos. Você escreve as linhas e eu trato das entrelinhas...

Visitante – E assina tudo.

Autor – Acha que foi Miguel Ângelo quem pintou pessoalmente todos os quadros que assinou? Também tinha ajudantes. Só dava o último retoque.

Visitante – Mesmo assim, eu não sou escritora.

Autor – Mas toda a gente pode ser escritor! Sobretudo dramaturgo. A prova é que nem há escolas para isso. É um dos raros ofícios, juntamente com estafeta de pizzas e psicanalista, que se podem exercer sem diploma. E quanto a estafeta de pizzas não tenho a certeza. É preciso saber conduzir uma mota.

Visitante – Mesmo assim, dá trabalho.

Autor – Com um único cartucho de tinta escreve-se uma peça inteira. Para um romance já são precisos quatro ou cinco.

Visitante – Bom...

Autor – É uma profissão de preguiçosos, digo-lhe. Pior do que os dramaturgos só os poetas. Os gajos escrevem cinco linhas de três palavras numa página cheia de espaço em branco e toda a gente lhes chama génios.

Visitante – Talvez me tivesse dado melhor como negro literário de um poeta.

Autor – Ah, não, nem pense nisso. Nunca se viu um poeta com dinheiro para pagar a um negro literário, nem a prestações.

Visitante – Bom... Não sei por onde começar...

Autor – O princípio é sempre a parte mais difícil. Sobretudo numa comédia.

Visitante – Ah, porque é uma comédia?

Autor – Uma comédia de boulevard, sim. Da Avenida da Liberdade, neste caso.

Visitante – É curioso... Não o imaginava a escrever comédias.

Autor – Isso foi há muito tempo. Porque acha que agora preciso de um negro literário?

Visitante – Não sei se consigo ter graça.

Autor – Não lhe peço que tenha graça de propósito. Aposte no seu humor natural...

Visitante – Isso não ajuda muito.

Autor – Sei lá... Não há ninguém que lhe apeteça matar?

Visitante – Matar?

Autor – É para isso que serve a comédia! A lei não a deixa livrar-se da sogra, então escreve uma peça para a matar em palco.

Visitante – Não sou casada. O senhor tem sogra?

Autor – Já não tenho, infelizmente. A minha mulher deixou-me. Quase sinto saudades da minha sogra. Imagine o ponto a que chegou a minha depressão. Como é que se escreve uma boa comédia nestas condições?

Visitante – Não sei... Deixe-me pensar... Ah, sim... Eu detestava a minha irmã.

Autor – Ótimo, já temos alguma coisa...

Visitante – Infelizmente, morreu... Para uma comédia imagino que...

Autor – Depende. Também há mortes muito engraçadas. Como é que a sua irmã morreu?

Visitante – De cancro.

Autor – Ah, não, assim não... É muito difícil fazer rir com o cancro. Sobretudo quando é alguém da família.

Visitante – Ah, sim? Bolas... Que azar...

Autor – Há assuntos completamente refratários à comédia. Não se percebe muito bem porquê. Talvez por serem doenças prolongadas. Em teatro, as mortes mais engraçadas são sempre as mais rápidas. Um tipo diz que a mulher foi atropelada por um comboio ao sair do cabeleireiro e temos logo vontade de rir. Se o mesmo tipo disser que ela morreu de cancro da vesícula após três anos de quimioterapia, não tem graça nenhuma. Vá-se lá saber porquê. É assim...

Visitante – Bom...

Autor – Agora, se quiser tentar...

Tocam à campainha.

Visitante – Está à espera de mais alguém?

Autor – Deve ser o estafeta. Ficou de voltar para levar o contrato assinado. Pode emprestar-me a caneta?

Pega no contrato.

Visitante *(inquieta)* – Tem a certeza?

Autor – Não sei porquê, mas acredito em si... *(Assina o contrato e devolve-lhe a caneta.)* Se lhe ocorrer alguma ideia enquanto estou com o estafeta, não hesite.

Sai. O telemóvel da visitante toca e ela atende.

Visitante – Sim... Não, ainda estou com ele... Sim, sim, não se preocupe, acabou de assinar o contrato... Tenho de desligar... Está bem, depois ligo-lhe...

Guarda o telemóvel. O autor regressa.

Autor – Pronto... Agora já não há volta a dar. Acabo de vender a sua alma ao diabo por quinhentos euros. Nem nos seus sonhos mais loucos imaginava valer tanto.

Visitante – Não é propriamente glorioso... E eu que o julgava um autor empenhado...

Autor – Sabe, muitos autores continuam a escrever para pagar os impostos do ano anterior com os adiantamentos dos livros que hão de escrever no ano seguinte. No dia em que aos escritores também lhes retiverem todos os impostos na fonte, vai ver que a rentrée literária fica bem mais calma.

Visitante – Não sei... Nunca tive rendimentos suficientes para pagar IRS.

Autor – Que sorte a sua... Quando se entra nessa engrenagem, já não se consegue sair. Onde é que íamos?

Visitante – A lado nenhum, receio bem.

Autor – Pois, era isso que eu temia.

Visitante – E se escrevêssemos a história de um autor que perdeu a inspiração?

Autor – Estou a ver... Alguém lhe bate à porta e finge ser jornalista...

Visitante – Porque não?

Autor – Teatro dentro do teatro... Tinha prometido a mim próprio que nunca desceria tão baixo...

Visitante – Disse que podíamos escrever uma coisa qualquer!

Autor – Está bem... E como acabava?

Visitante – Isso... Nem sequer sei como continuava...

Autor – Vou servir-lhe mais um uísque...

E serve-lho.

Visitante – Não sei se...

Autor – Vá, beba!

A outra bebe o copo de um trago.

Visitante – Apetecia-me dormir uma sesta. Tenho a certeza de que, depois de dormir, teria mais ideias.

Autor – Alto lá! Não lhe pago para dormir!

Visitante – Até agora ainda não me pagou nada... Mas tem razão. Talvez um pequeno adiantamento me desse alguma motivação...

Autor – Mesmo que quisesse, duvido que o Banco Mutualista me autorizasse outro descoberto para lhe dar adiantamentos... E, além disso, é uma nulidade como negro literário! Eu peço-lhe uma coisa qualquer e nem isso consegue escrever!

Visitante – Também tenho uma reputação a defender! Não me apetece fazer figura de idiota publicando uma porcaria!

Autor – Mas o seu nome nem sequer vai aparecer! Sou eu quem assina!

Visitante – Talvez, mas eu vou saber quem escreveu aquilo. Também tenho amor-próprio.

Autor – Muito bem. Também ninguém a proíbe de escrever uma obra-prima.

Visitante – Porque não? Talvez eu seja menos estúpida do que pensa.

Autor – Vá, surpreenda-me...

Visitante – Pois... Mas com todos estes aperitivos que me deu, começo a ter fome. Não tem nada para petiscar?

Autor – Contratei-a para uma sessão de trabalho, não para um jantar de petiscos.

Visitante – Sabe o que se diz: a fome é má conselheira.

O autor tira um pacote de bolachas e entrega-o à visitante.

Autor – Tome, ainda tenho umas bolachas de chocolate.

Visitante – Obrigada. *(Começa a comer.)* Estas bolachas estão um bocado moles.

Autor – Quer que vá comprar umas mais frescas?

Visitante – Não vale a pena... *(Mete outra bolacha na boca.)* Tive uma ideia!

Autor *(sobressaltado)* – Até me assustou...

Visitante – Um rapaz ama uma rapariga, mas as famílias odeiam-se.

Autor – Romeu e Julieta.

Visitante – Um rapaz ama uma rapariga, mas o pai dele mata acidentalmente o pai dela.

Autor – O Cid.

Visitante – Um rapaz ama uma rapariga, mas na realidade ela é um homem.

Autor – Quanto Mais Quente Melhor.

Visitante – Essa peça não conheço.

Autor – É um filme.

Visitante – Tem a certeza?

Autor – Absoluta.

Visitante – Um rapaz ama outro rapaz, mas na realidade ele é uma rapariga.

Autor – Victor/Victoria.

Visitante – Uma mulher ama outra mulher, mas na realidade ela é um homem.

Autor – Tootsie.

Visitante – Bolas... Não imaginava que fosse tão difícil ser um autor contemporâneo. Então já está tudo escrito?

Autor – Tudo...

Visitante – E sobretudo as melhores coisas, imagino...

Autor – Comeram tudo e só nos deixaram as migalhas.

Visitante – Sacanas.

Autor – Shakespeare, Corneille... Para eles era fácil... Ainda não se tinha escrito nada. As boas ideias estavam no chão, bastava apanhá-las. E quem não fosse analfabeto, como a maioria dos seus contemporâneos, tinha boas hipóteses de ficar para a posteridade.

Visitante – Se hoje ainda houvesse lugar para outro Molière, já se tinha dado por isso...

Autor – É por isso que já não consigo escrever uma obra-prima e só lhe peço que escreva uma coisa qualquer.

Uma pausa.

Visitante – Afinal vou beber mais um uísque.

Bebe diretamente da garrafa, com avidez.

Autor – Vá com calma, mesmo assim...

A visitante pousa a garrafa com um suspiro de satisfação.

Visitante – Já sei!

Autor – A sério?

Visitante – E esta aposto que não vai dizer que é de Racine ou de Feydeau.

Autor – Estou a ouvir.

Visitante – Um casal recebe uma amiga que acabou de perder o marido num acidente de avião e, ao mesmo tempo que tentam consolar a viúva, descobrem que ganharam a lotaria.

Autor – Excelente! Muito bem...

Visitante – Está a ver? Quando quero...

Autor – É o argumento da minha primeira peça.

Visitante – Ah, sim...

Autor – Aquela que não leu.

Visitante – As grandes mentes encontram-se...

Autor – Pois, se tivesse nascido antes de mim, podia tê-la escrito. Aliás, foi o meu maior êxito de vendas...

Visitante – Devo ter lido o resumo num guia de espetáculos...

Autor – Deixei de escrever quando comecei a plagiar-me a mim próprio.

O entusiasmo desvanece-se. Uma pausa.

Visitante – Já não há bolachas?

Autor – Comeu-as todas!

Visitante – Pois, o pacote já estava aberto. Prefiro nem saber há quanto tempo. Espero não apanhar uma intoxicação alimentar...

Autor – Pode sempre meter baixa. Mas aviso-a já: nós, os autores, quando estamos doentes e deixamos de trabalhar, não recebemos subsídio nenhum. Imagine os negros literários...

Visitante – Seja como for, ainda estou esfomeada.

Autor – Só pensa em comer?

Visitante – Normalmente são as pessoas que nunca passaram fome que dizem isso.

Autor – Está bem, vou ver o que resta no frigorífico...

Visitante – Só mais uma coisa...

Autor – O que é agora?

Visitante – Não gosto muito da expressão... «negro literário».

Autor – Ai não?

Visitante – Não. Acho degradante.

Autor – Degradante? Para quem?

Visitante – Para mim!

Autor – Então como quer que lhe chame? Duplo de escritor? Afinal, as estrelas de cinema usam duplos para as cenas que não querem fazer. Porque é que os escritores não podem ter duplos para as cenas que não querem escrever?

Visitante – Não sei... Oficialmente, podia ser... a sua secretária particular.

Autor – A minha secretária particular?

Visitante – Se um dia sairmos e me tiver de apresentar, não vai dizer: «Olhem, este é o meu negro literário».

Autor – Confesso que... ainda não tinha pensado na possibilidade de sairmos...

Visitante – Seja como for, preciso de uma cobertura, não preciso?

Autor – Uma cobertura?

Visitante – Já agora, a propósito de cobertura... Um negro literário a trabalhar clandestinamente... Isso não é muito legal. Convém que eu também tenha cobertura social. E tenho de pensar na reforma...

Autor – Não quer vales de refeição, também?

Visitante – Está bem... Aceito «secretária particular».

Autor – Pronto. E quanto aos vales de refeição, vou ver se ainda tenho um bocado de queijo no frigorífico...

Prepara-se para sair. O telefone toca.

Visitante *(atendendo)* – Secretariado de Carlos Entrelinhas, bom dia. *(O autor faz-lhe sinal de que não quer atender.)* Ah, não, desculpe, neste momento não lhe posso passar a chamada... Porquê? Bem... porque morreu. Sim, tenho a certeza. O médico-legista está cá e acredite que não é bonito de ver. Ah, sim? Não... Sim, claro, é uma boa notícia, mas nesse caso será a título póstumo. Desculpe, tenho mesmo de desligar, vai começar a autópsia... Muito bem, tenha um bom dia.

Autor *(estupefacto)* – Quem era?

Visitante – João Paulo Tristonho, presidente da Associação de Escritores de Teatro. Parece que a ministra da Cultura lhe quer atribuir a Medalha das Artes e das Letras.

Autor – E disse-lhe que eu morri?

Visitante – Fez sinal de que não queria falar... Foi a primeira coisa que me ocorreu.

Autor – Ah, sim...

Visitante – E temos de ser realistas. Eu ainda estou longe de escrever a peça. E o senhor também.

Autor – E então?

Visitante – Se estiver morto, o seu agente nunca terá coragem de lhe pedir os quinhentos euros que adiantou por uma peça que não escreveu.

Autor – Morto... Não é uma desculpa um bocadinho excessiva para não devolver quinhentos euros?

Visitante – E tenho outra ideia...

Autor – Está a ver? Quando quer...

Visitante – Se estiver morto e, ainda por cima, tiver um prémio literário e uma medalha póstuma, vai voltar a ser famoso!

Autor – Desafiei-a a surpreender-me, mas agora confesso que fiquei sem palavras...

Visitante – Obrigada.

Autor – Não era necessariamente um elogio. Há muitas maneiras de surpreender alguém.

Visitante – Tem família?

Autor – Só tinha a minha mulher. E nem sei se ela ainda me considera da família.

Visitante – Portanto, está sozinho na vida. Sem mulher, sem família, sem amigos... Posso ir receber esse prémio e essa medalha em seu nome.

Autor – Ora vejamos... Proponho-lhe um trabalho de negro literário, não consegue escrever uma linha e agora quer receber todas as honras que me são devidas. Também quer o PIN do meu cartão de crédito?

Visitante – Por acaso até podia ser prudente. Quero dizer, supostamente está morto.

Autor – Posso desmentir a notícia.

Visitante – Pense cinco minutos. Neste momento só tem a ganhar em continuar morto.

Autor – Acha?

Visitante – Aposto que amanhã sai nos jornais. Talvez não na primeira página, não vamos exagerar. Mas de repente o Jornal de Letras vai voltar a lembrar-se de si, de certeza.

Autor – Poder ler a minha própria necrologia enquanto estou vivo... Realmente é tentador.

Visitante – Toda a gente vai dizer que era um grande escritor. Os livros vão vender-se como pãezinhos quentes... pelo menos durante um ou dois dias.

Autor – Acredita?

Visitante – Não sou jornalista, mas graças à minha ideia ainda vai parar ao jornal!

Autor – E agora, o que fazemos?

Visitante – Você faz de conta que morreu e eu... fico com vinte por cento dos direitos de autor.

Autor – O meu agente só levava dez!

Visitante – Mas com ele não vendia um único livro e as peças nunca eram encenadas.

Autor – E eu que já quase me tinha habituado à ideia de me reformar.

Visitante – Reformar-se?

Autor – Decidi eliminar aos poucos tudo aquilo que me possa incomodar. Já não escrevo. Falo o menos possível. Não partilho as minhas opiniões com ninguém. E tento até, sempre que posso, não ter opinião nenhuma.

Visitante – E acha mesmo que consegue?

Autor – Não ter opiniões?

Visitante – Reformar-se! Tem a certeza de que tem meios para isso?

Autor – Segundo o Banco Mutualista, parece que é discutível...

Visitante – Pois eu proponho-lhe uma coisa melhor do que estar reformado: estar morto!

Autor – É tentador, mas... Acho que vou precisar de cinco minutos para pesar os prós e os contras.

O telefone toca. O autor prepara-se para atender.

Visitante – Ficou maluco? Lembre-se de que é um escritor morto. Está lá? O Banco Mutualista? Não, lamento, o senhor Entrelinhas acaba de falecer. Sim, suicidou-se...

Bebeu um litro de desentupidor de canos. Isso, daquele produto para desentupir sanitas... Ficou com um buraco enorme no estômago, não era nada bonito de ver. A soda cáustica é muito corrosiva. É verdade, ele também tinha uma língua muito cáustica... Porquê? Oh, sabe como são os artistas... E o senhor, melhor do que ninguém, sabe que estava enterrado em dívidas. Foi a maneira que arranjou de fugir aos credores. Não, claro que o dinheiro não é o mais importante... Obrigada por ter telefonado. Sim, adeus. Claro que transmitirei as condolências à família...

A visitante desliga.

Autor *(estupefacto)* – Custa-lhe a arrancar, mas quando começa ninguém a consegue parar! Então agora suicidei-me?

Visitante – Achei que, para um escritor, seria mais romântico do que morrer de enfarte ou de cancro do cólon.

Autor – Mais romântico? Beber um litro de desentupidor de canos?

Visitante – Improvisei... Foi o que me ocorreu.

Autor – Improvisar... Daqui em diante, agradeço que se limite ao texto!

Visitante – Mas eu não tenho texto nenhum! E você nem sequer consegue escrever uma coisa qualquer!

Autor – Está bem, não é preciso ser desagradável... Bom... Então suicidei-me... É verdade que ultimamente andava um pouco deprimido.

Visitante – Está a ver!

Autor – E agora o que acontece? Organizam-me um funeral de Estado?

Visitante – Quando um escritor morre, as vendas sobem pelo menos dez por cento. Se se suicidar, podem subir vinte. *(O telefone toca.)* Parece que o negócio está a melhorar.

Autor – É verdade. Há anos que o telefone não tocava tanto...

A visitante atende.

Visitante – Secretariado do senhor Entrelinhas, bom dia. Sim, minha senhora, confirmo: o seu marido morreu esta manhã. Apresento-lhe as minhas condolências, e as do Banco Mutualista. Um tiro de revólver na têmpora, exatamente. Sim, se o visse não sei se o reconheceria. Ficou sem a metade de cima da cabeça... Não é nada bonito de ver, garanto-lhe... Muito bem, transmito-lhe... Quero dizer, sim, obrigada... Adeus, minha senhora. *(Desliga.)* Era a sua mulher.

Autor – A minha mulher? O que queria?

Visitante – Prestar-lhe uma última homenagem, aparentemente.

Autor – Não a vejo há anos. E era ela que me acusava de não lhe prestar homenagens com a frequência devida...

Visitante – Os mortos são sempre muito mais populares do que os vivos. Vai ver que morrer só traz vantagens.

Autor – E desta vez disse-lhe que me dei um tiro na cabeça.

Visitante – Estou a tentar melhorar, como vê. *(O telefone toca.)* Se isto continua, vamos ter de contratar uma telefonista. Titular dos direitos do senhor Entrelinhas, bom dia... Sim, detenho os direitos de todas as suas peças. Casámos uns meses antes da morte dele. Sou portanto a sua herdeira direta... Sim... Sim... Sim... Sim, tinha acabado de concluir uma nova peça que o vai surpreender. Na minha opinião, é a obra-prima dele. Completamente inédita, sim. Sim... Sim... Sim... Está bem. Posso anotar o seu número? Muito bem, vou analisar pessoalmente a sua proposta e responder-lhe o mais depressa possível. Até breve.

Autor – Então agora estamos casados...

Visitante – Era mais simples.

Autor – Mais simples...?

Visitante – Para justificar ser eu a deter os direitos das suas peças.

Autor – Pois claro.

Visitante – E, como viúva, fica tudo em família.

Autor – Muito bem... E posso ao menos saber quem era?

Visitante – Um teatro que quer levar à cena a sua última peça em Lisboa.

Autor – Um teatro? Qual?

Visitante – Devia ter apontado logo o nome, mas interrompeu-me... Tem qualquer coisa a ver com o Código da Estrada...

Autor – O Código da Estrada?

Visitante – E, ao mesmo tempo, sugere a ideia de um teatro que anda às voltas...

Autor – O Teatro da Rotunda?

Visitante – Esse mesmo!

Autor – Mas eles só representam autores vivos!

Visitante – O seu cadáver ainda está quente, não vamos prender-nos a pormenores...

Autor – Bom... E agora o que vai fazer?

Visitante – Primeiro vou deixá-los em banho-maria, para lhes dar a entender que não são os únicos interessados.

Autor – Devia tê-la contratado como agente...

Visitante – Podíamos pensar numa retrospetiva de toda a sua obra, não?

Autor – Porque não? Mas quando fala na minha última peça, quer dizer...

Visitante – Aquela que ainda não escreveu.

Autor – Agora que estou morto?

Visitante – Mas ouviu-me dizer-lhes que tinha um inédito!

Autor – Sim... Mas não tenho peça nenhuma...

Visitante – Como não morreu de verdade, pode escrevê-la.

Autor – Mas estou farto de lhe dizer que perdi a inspiração!

Visitante – Isso era antes!

Autor – Antes?

Visitante – Antes de voltar a ser um autor de sucesso.

Autor – Quer dizer um autor morto.

Visitante – Também, sim... Agora que tem toda a morte pela frente, vai ter tempo para escrever a peça. Eu trato do resto.

Autor – Desculpe perguntar, mas... vou ter de continuar morto durante quanto tempo?

Visitante – Digamos que até acabar a sua 124.ª peça. Depois logo se vê.

O autor parece um pouco ultrapassado pelos acontecimentos.

Autor – Bom... Vou tentar começar, então...

Visitante – Uma camomila?

Autor – Acho que vou voltar ao uísque sueco... *(Pega na garrafa e prepara-se para sair.)* Vai ficar aqui?

Visitante – Alguém tem de velar o corpo e atender o telefone.

Autor – Vou andando...

O autor sai. A visitante põe-se à vontade, tira o telemóvel e marca um número.

Visitante – Jorge? Desta vez, acho que está. Parece-me que vai escrever a peça número 124... Está bem, talvez tenhamos exagerado um bocadinho com o Prémio Avenida da Liberdade e a Medalha dos Números e das Letras... É evidente que vai ficar desiludido quando souber que não ganhou nenhuma das duas coisas, mas... É para bem dele... E nunca se sabe, se a próxima peça for mesmo boa... Sim, tem razão, se não morrer antes... A propósito, depois tenho de lhe explicar uma coisa. Vi-me obrigada a improvisar um bocado...

O autor regressa.

Autor – Fiquei sem munições.

Visitante – Desculpe?

Autor – Já não tenho tinta. O cartucho está vazio. E arranjar uma recarga para uma Montblanc a estas horas, aqui na zona...

Visitante – E a máquina de escrever?

Autor – A máquina de escrever? Está como eu, já lhe disse... No fim da linha... e da fita.

A visitante tira uma esferográfica do bolso e entrega-a ao autor.

Visitante – Use esta entretanto.

O autor fica desiludido por não conseguir livrar-se da tarefa tão facilmente. Sai. Ela volta ao telemóvel.

Visitante – Isto não vai ser nada fácil... Vou ter de andar sempre de olho nele, como leite ao lume... Portanto, acho que um pequeno suplemento...

Ouve-se uma detonação.

Visitante – Ah... Pelos vistos, encontrou os cartuchos... Bom, depois telefono-lhe. *(Desliga.)* Acho que vou mesmo ter de escrever a peça sozinha...

O autor regressa com uma garrafa de champanhe na mão, de que acabou de fazer saltar a rolha.

Autor – Também já não tenho uísque, mas encontrei isto no frigorífico. Guardava-o para uma grande ocasião. Acho que um prémio e uma condecoração no mesmo dia... Quer um copo?

Visitante – Porque não? Mas depois promete que volta ao trabalho.

Autor – Não se preocupe. Não sei porquê, mas estar morto voltou a dar-me ânimo.

Visitante – Ainda bem... Então já tem uma ideia?

Autor – O melhor é partir sempre da realidade. Portanto, pronto, vai ser teatro dentro do teatro. É a história de um autor que perdeu a inspiração. Um dia, uma jornalista bate-lhe à porta...

Visitante – Sim, isso faz-me lembrar alguma coisa... E já tem um título?

Autor – Porque não... «No fim da linha»?

Visitante – Mas isso não foi já feito?

Autor – Ah, essa agora... Se ainda por cima é preciso inventar um título original...

Visitante – Está bem, fica «No fim da linha»...

Autor – Se eu lhe ditasse, era mais rápido, não? *(Põe uma máquina de escrever antiga à frente da visitante.)* Olhe, encontrei uma fita nova...

Visitante – Estou a ouvir...

O autor começa a ditar, cheio de inspiração, como se estivesse a ver a cena.

Autor – Uma sala desarrumada. Um homem dormita num cadeirão. De repente, o telefone toca e arranca-o do seu torpor. Atende como um sonâmbulo. Estou!

Escuro.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Janeiro 2022
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-37705-603-3
Documento para download gratuito